

27-01-2020

Garimpos de Sonhos e Opressão

Ricardo Fernandes Gonçalves

[Doutor em Geografia. Prof. Univ. Est. Goiás. Pesquisador do Grupo PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade]

Nas duas últimas semanas do mês de dezembro de 2019 viajei para Coromandel, interior de Minas Gerais.

Com o objetivo de visitar minha família e descansar após um ano de intenso trabalho, procurei exercer um deslocamento interno. Nos primeiros dias não li, não abri o computador, não vi programas de televisão e evitei o celular. Dediquei o tempo às caminhadas aos finais de tarde, visitas aos amigos de infância e longas conversas com trabalhadores locais. Entre eles, velhos garimpeiros, sujeitos de densas trajetórias sociais.

Assim, atento às histórias, causos, narrativas populares e invencionices regionais, tive a sensação de proximidade com os trabalhadores. Logo, a afinidade e o diálogo com esses sujeitos possibilitaram vasculhar a minha história, especialmente a minha infância, em Coromandel.

Uma infância rodeada por um mundo de enredos mágicos, como os causos contados por meu avô.

Causos como o de um garimpeiro que após pegar um diamante ficou enfermo e acamado pelo resto da vida. Dizia-se que diamante tem o dono certo; é uma pedra enfeitiçada caso seja extraviada do proprietário destinado. Filho de trabalhadores e eu mesmo trabalhador, cresci, estudei e me formei consciente da origem de classe.

O que representa uma influência acentuada nas minhas opções de leituras, estilo da escrita, posicionamento teórico e político. Também aprendi a garimpar ideias e a procurar diamantes no dilatado palavrão de garimpeiros.

Heranças da convivência com esses sujeitos, exímios representantes da tradição oral mineira.

.....

Levei na minha bagagem de férias, em Coromandel, o livro *Confesso que vivi*, do poeta chileno Pablo Neruda (1904-1973). A escrita em prosa narra a militância; desenvolve críticas às guerras e aos governos ditadores e fascistas; e, também, a paixão por seu país e pela América Latina.

O poeta chileno demarca e ressalta a solidariedade com os operários das minas de cobre e salitre, camponeses e indígenas do Chile. Essa solidariedade constituiu a jazida sensível e crítica de sua poesia.

A vida e a obra do poeta traduziram vozes e os gritos por liberdade e dignidade onde quer que existam exploração, opressão e injustiça.

Contudo, fui folhear *Confessor que vivi* para releitura de trechos grifados - o que faço com frequência - apenas depois de mais de uma semana de distanciamento das leituras.

Ao fazê-lo deparei outra vez com o poema *Os comunistas* e proclamei as palavras convictas do poeta: “há gente que acredita numa mudança, que praticou a mudança, que fez triunfar a mudança, que fez florescer a mudança... Caramba!... A primavera é inexorável!” (Neruda, p. 333). Sim, virá a primavera, colheremos flores nas praças e caminharemos todos na estação da paz e da solidariedade. Noutra página li também que “o escritor maduro não fará nada sem o sabor do convívio humano” (Neruda, p.92).

De fato, toda palavra vasculha realidades sociais concretas. Toda escrita conta com a rica experiência do convívio humano. E em qualquer texto habitam mundos inteiros.

Com efeito, o poeta, historiador, geógrafo ou qualquer profissional que trabalha com a palavra escrita, em seu ofício explora os sedimentos da existência social. Sabe que a vida hospeda sempre a matéria-prima para narrativas.

A consciência disso, da vida como fonte de narração, me autoriza a retomar com regularidade a minha história.

E na minha história orbitam outras histórias, como as dos garimpeiros de Coromandel. Sei que elas não cabem dentro de qualquer léxico. Contudo, apesar de singulares, o exercício de citá-las é também uma forma de sublinhar aquilo que é universal, como os sonhos, os desejos e os dramas humanos. Assim como as opressões e injustiças contra os trabalhadores.

.....

A atividade garimpeira de diamantes é praticada em Coromandel há mais de dois séculos. A garimpagem permeia a história e a geografia do município, com a existência de córregos afamados pelos diamantes extraídos em seus leitos e margens. Para uns, apenas um jogo de sorte, uma aposta em loteria; para outros, possibilidade de enriquecimento resultante do trabalho continuado e persistente. No auge do garimpo em Coromandel, nos anos 1980, diz-se que poucos eram os sujeitos que resistiam à convocação esperançosa ou infortunada da atividade.

Nos garimpos, os diamantes imiscuídos no chão cascalhento e inóspito, despertavam a fantasia e a loucura dos garimpeiros. Nos sedimentos milenares depositados nos vales dos córregos e rios, centenas de garimpeiros foram engolidos pela faina intrépida da extração de diamantes. Poucos enricaram e muitos continuam empobrecidos.

São os “pobres garimpeiros de riqueza”, como disse o geógrafo José Sousa (2012). Os diamantes extraídos pelas mãos calejadas e feridas dos trabalhadores foram parar em outras mãos e transformados em objetos de cobiça e ostentação de poder nos países ricos. Contudo, o fato é que em “terra de diamantes”, a mania do garimpo está impregnada no imaginário popular. Munidos de esperança fatalista e de fé profana e sacra misturadas, os garimpeiros reviraram terrenos inteiros em busca da “pedra rara” e de brilho inconfundível, como o das estrelas.

continua

<p>Ou então, como nas crenças dos antigos romanos e gregos, das pedras que parecem as lágrimas dos deuses ou os fragmentos luminosos das estrelas que despencaram do céu. Entre os dias das férias em Coromandel, aproveitei para conhecer uma área de garimpo localizada no município. Uma realidade muito distinta dos garimpos e garimpeiros do passado, nos quais o trabalhador extraía, transportava e apurava o cascalho diamantífero de maneira artesanal. Contava-se apenas com apoio de ferramentas rudimentares como pá, picareta, enxadão e peneiras. No “novo modelo de garimpo”, a abertura e manutenção do empreendimento contam com capitais de investidores estrangeiros, especialmente empresários, compradores e lapidários de diamantes em Israel. Um garimpo com megainvestimentos em máquinas de extração, transporte e apuração de cascalho. Contudo, as relações de trabalho continuam precárias. O trabalhador recebe um salário de R\$ 1.000,00 e não tem nenhum tipo de garantia, como carteira assinada. Ainda, estabelece um contrato verbal segundo o qual tem direito a 2% no dinheiro da venda dos diamantes que forem encontrados.</p>	<p>A ilusão do trabalhador é pegar diamante grande e bamburrar com os 2% prometido. Na conversa com um desses sujeitos a convicção é uníssona: <i>“eu sonhei com a pedra rosa. É um diamante que mudará a vida de todo mundo. Eu vou segurá-la aqui, na palma de minha mão”</i>. Ao dizer essas palavras e abrir as mãos diante de mim, percebi as marcas do trabalho. E naquelas mãos calejadas, assim como no rosto e na pele marcada pelo sol, também ficou evidente a classe social. A classe trabalhadora pilhada e explorada. Singularizada na realidade do garimpo, universalizada pelo modelo econômico desigual e opressor dos pobres do mundo. Desse mundo eu vim, nele eu habito, contra essa estrutura eu luto, luto com outros, com os iguais. ■ ■ ■</p> <p>Referências ■ Neruda, P. <i>Confesso que vivi: memórias</i>. Tradução de Olga Savary. 7.ed. São Paulo: Difel Difusão Editorial S.A, 1979. ■ Sousa, J. L. V. de. <i>Pobres garimpeiros de riqueza: a geografia dos diamantes de Três Ranchos, Goiás</i>. 170 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão, 2012.</p>
<p><i>OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.</i></p>	